



O G TEXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

« Desde o aparecimento do proletariado, que este conta em sua experiência que o capitalismo, seu explorador, só cede diante da nossa luta, que todos os magros resultados que usufruimos, quer se trate de salários, bônus e proteção, são a produto da nossa luta ».

[De « O Têxtil » n.º 15]

OS SALÁRIOS terão que ser aumentados

Já não constitui dúvida para ninguém que os salários estão desde há muito ultrapassados pela subida sustentadora do custo de vida, que os salários ou vencimentos não cada vez mais insuficientes e que o nosso poder de compra é hoje tão pequeno, que mal dá para nos mantermos de pé.

É tão precária a nossa situação que os próprios governantes já não podem desmentir este facto. Porém, uma coisa deve ser desatinada. Quando os governantes vêm a público reconhecer, como algumas vezes o têm feito, que ganhamos pouco e vivemos mal, não é com o objectivo de melhorar a nossa situação.

O lobo, mesmo reconhecendo que é fera, nunca deixou de ser lobo. Por vezes, claro, sente necessidade de se fingir cordeiro, quando isto constitua para si forma mais fácil de o deyorar.

É o caso dos salazaristas, como nos mostram os exemplos que conhecemos.

Porque a situação económica dos trabalhadores é já tão grave e resulta daqui uma crise que se agudiza dia a dia para a pequena e média indústria, comércio e agricultura, com reflexos sérios em toda a vida cultural e das artes da Nação, os governantes, fazem como o lobo, ao dizerem que sim senhora sim, que ganhamos pouco, que há muita coisa a fazer, que a « Revolução continua ».

E está-se mesmo a ver que continua, a chamada revolução salazarista. Continuam, por exemplo, e cada vez mais, a nutrir os géneros, com a carne — privilégio dos ricos —, a renda de casa, os transportes, os divertimentos, etc.;

Continam, por exemplo, os patrões a não cumprirem o C.C.T., fugindo

ao pagamento, em muitos casos, do salário mínimo, a pagarem a oficiais o salário de aprendiz, a não pagarem os 50 por cento nas horas extraordinárias, a não pagarem o subsídio de parto, etc.;

Continuam os despedimentos, a repressão; continua a miséria e os portugueses a procurarem, cada vez mais, emigrar para qualquer ponto do mundo onde ganhem para si e para os seus. E continuam as promessas, muitas promessas. O lobo a tentar passar por cordeiro.

Com o dinheiro das Caixas de Previdência — o nosso dinheiro —, fazem « grandes » barragens, que nos mostram com palavras e fotografias grandes. Esquecem-se, no entanto de dizer que, apesar de serem feitas com o dinheiro dos trabalhadores, elas são para dar largos milhares de contos aos grandes capitalistas a quem são entregues, à custa do encarecimento da energia eléctrica. Estas são realidades palpáveis que todos nós sentimos na própria carne.

É esta dura realidade que leva a classe têxtil e todas as outras classes trabalhadoras do País a não se fiarem em promessas, a unirem-se e a lutar por melhores salários.

Nós sabemos que o nosso pedido de aumento não é apenas justo. Ele pode, também, ser satisfeito. O que pedimos não é que nos sejam dados os automóveis e os palacetes dos grandes industriais — o do Sr. Delgado Ferreira, em Serralves, custou 27.000 contos —. O que pedimos e devemos lutar até que nos seja dado, é um pouco mais de pão, para que haja menos miséria e mais alegria em nossos lares.

É para isto que lutam os têxteis (Continua na 2.ª pág.ª)

O 'TÊXTIL' É O JORNAL DA CLASSE

Este jornal, que de vez em quando nos chega às mãos, é o nosso jornal. É porque ?

O « TÊXTIL » é o nosso jornal porque é feito pelos próprios trabalhadores e em suas colunas se tratam os problemas da classe.

O « TÊXTIL » não é o jornal de nenhum partido, nele não se debatem problemas de natureza exclusivamente política. Embora, como jornal livre que é, deve sempre saber enquadrar a situação e a exploração dos operários a quem se destina, no plano político, tem a obrigação de esclarecer a classe de sua causa das suas dificuldades económicas está na natureza do regime que as provoca e as não resolve.

O « TÊXTIL » é um jornal livre, que fala aos trabalhadores sem ter passagem pelo trivo da censura, e com tal apoio e saúde todos os que honestamente defendem os interesses dos trabalhadores, particularmente da classe têxtil.

Quando o chefe da PIDE, Neves Graça, nos seus declarações à imprensa, afirmou que o « TÊXTIL » era um órgão do Partido Comunista, teve com o objectivo intimidar as massas trabalhadoras têxteis. Neves Graça sabe, como polícia que é, que não basta matar e torturar os lutadores operários mais desocados, sabe que a colónia também serve para reprimir a combalidade do nosso povo.

Todos nós sabemos que, para Salazar e Neves Graça, o General Humberto Delgado e Dr. Afrânio Vicente são comunistas, são-no para eles todos os anti-salazaristas. Todos os trabalhadores sabem que se um companheiro pede um pedido de aumento logo a patrão chama comunista. Porque ? Porque o patrão está interessado em abalar, as lutas reivindicatórias dos seus operários. Porque ele pensa para si, o resultado de quando todos lhe vão pedir aumento.

E o que pretende o nosso jornal ? Pretende ser uma arma capaz de construir a nossa unidade. Nós não somos capazes de pregar um prego com as mãos, mas o fazemos com o martelo. O « TÊXTIL » é o nosso ferramenta e guia na luta contra os exploradores da classe, quer sejam patrões, autoridades, Governo. E nós temos de lutar, se queremos deixar de ser explorados.

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

do Porto, S.º Tiro, Funchal, Braga, Guimarães, Covilhã, Tortosendo, etc., ao irem junto dos seus sindicatos reivindicar aumento de salários que vão desde 40 a 60 por cento.

No entanto, nossa luta não é fácil. É que a ela opõe-se Salazar. Para ele não interessa que ganhemos pouco e passemos fome, enquanto em qualquer outro país, mesmo capitalista, como a França ou Brasil, os têxteis ganham mais. Enquanto todos os países que entraram na guerra se recuperaram e os trabalhadores têm uma situação muito superior à nossa, Salazar ainda hoje tenta justificar que somos o povo da dívida à guerra.

Sempre o lobo a tentar passar por cordeiro. O que ele não quer dizê-lo, para se manter no poder, vende a nossa Pátria aos imperialistas.

Não temos um vasto mercado, que são as colónias portuguesas. No entanto, aqui, os industrialistas são batidos pela concorrência dos países imperialistas.

É que estes impedem, em condições do seu apoio a Salazar, sugar o nosso País.

Salazar pretende que ganhem apenas para nos mantermos de pé. Nós queremos mais alguma coisa. Queremos viver. Mas para isto, é necessário unirmo-nos, e:

— Que leveemos todos os nossos companheiros, as nossas companheiras, junto do sindicato, pedir que os salários sejam aumentados e o Contrato Colectivo de Trabalho cumprido;

— Que convidemos os companheiros de outras empresas e de outras terras a fazerem o mesmo;

— Que onde não haja sindicato, se façam exposições e se enviemos, assinadas por todos ao L.N.T., Ministro das Corporações ou Assembleia Nacional;

— Que os companheiros e companheiras mais activos, formem comissões, com o apoio de todos, para poderem unir à sua volta, toda a sua empresa;

— Que nos pedidos de aumento de salário, mencionemos o aumento que os operários dessa empresa ou terra, desejam.

Nada de descansar em promessas. Na unidade e organização da nossa luta é que reside a nossa força. Ela nos garantirá melhores condições de vida.

Artur, junto do berço, sorria para a sua filha mais nova, um lindo pimpinho com 4 meses que, parecendo conhecer já o pai, esboçava um sorriso.

Mas uma coisa fez estremecer Artur. Ele lembrou-se das dificuldades, agora maiores, para manter seus filhos e sem dever nada a ninguém, como honradamente os seus pais o educaram.

Não podendo suportar mais a ideia de tais dificuldades resolveu sair, procurar alguém amigo com quem pudesse desfogar, expor a sua situação e os seus receios. E não preocupado que logo voltou a quando ouviu a voz amiga de João, companheiro de infância, que lhe bradava:

— Homem, fôla... Parece que passas por um desconhecido L...

— Olha o João! Desculpa-me, que nem reparava em ti.

— Isso vi eu, voltou João. Mas tu vinhas preocupado. Que tens, homem? Desabala, que isto para isso que serves os amigos.

— Era mesmo isso que eu pretendia fazer, mas não preocupado vinha, que nem te via. Queres saber uma coisa?

— Diz lá, respondeu João.

— Lá o patrão chamou-me ao escritório para assinar um papel. Pus o dedo. Depois disse-me que era por causa da minha patroa, que esteve de cama. Como sabes, a patroa é obrigada a pagar o mês de parte, mas no fim de conta não vi um tostão. Disse que ia resolver o assunto, mas até hoje, nada.

— E tu, é claro, ocaltaste?

— Não, bem... É claro, esperei pela lábada e como não vinha nada, fui ao escritório e contei a história ao Maritês. E sabes qual foi a resposta dele, muito presta?

— Se quer receber o dinheiro, trate de arranjar outro caso.

Se quer continuar aqui, estão as contas liquidadas.

— E depois?

— Não vi um tostão, acrescentou Artur. Viás um filho e nem um tostão. E se a gente fala...

— Eu sei, Max olha, Artur. A culpa não são dos patrões mas também nosso. Se fomos calados eles pagam-nos uma história. Roubarem-nos e ainda ficamos calados? A culpa é também nossa, Artur. Quantos patrões há na fábrica?

— Como sabes, há só um.

— E quantos operários?

— Há perto de 50.

— E quantas empresas há à volta da tua fábrica?

— Mais de 20.

— Pois se todos nós quisermos e trabalharmos para isso, nem os patrões nem o Governo, que é o protector dos grandes patrões, brincando mais com a gente, os homens sózinhos podem muito pouco, mas muitos homens e mulheres juntos a puxarem todos para o mesmo lado, podem muito mais.

— É verdade, João. Mas como podemos de fazer?

— Já contaste isso a alguém? perguntou João.

— Contei na loja, ao Zé Rôla.

— Não é só na loja que deves contar,

mas também na fábrica, a todos os companheiros, que tu e eu devemos contar.

Estas e outras soubalheiras não atingem só a ti, mas quase todos os têxteis. Se explicarmos isto aos nossos companheiros e companheiras de trabalho, por certo que todos compreenderão, mesmo aqueles que até hoje ainda não foram atingidos.

— Nem calculas quanto me sinto feliz por te ter encontrado e te agradecer os meus conselhos. Ainda há pouco me sentia desanimado. É que a gente quer viver e sentir gosto pela vida, mas nem sempre é capaz de ver a melhor forma de sairmos das dificuldades, ou melhor, como fazer frente à exploração e às soubalheiras.

Depois desta conversa fiquei a compreender que a nossa força é bem maior do que por vezes pensamos.

Os patrões, para nos explorarem e roubarem mais a vontade, ameaçamos com a rua. Se a gente tem medo e se balca, então é a que se vê.

Agora já compreendo porque alguns empresários os têxteis ganham mais e o Contrato Colectivo, em quase todos os seus aspectos, é respeitado.

— Na verdade, já estás mais animado, acrescentou João. Mas reparo, que com o conversa nem dávamos que estávamos ao pé do Zé Rôla. Ele está acompanhado. Se estiveres de acordo, vamos tratar de ouvir-lhos sobre como nos devemos defender.

— É isso mesmo, João. A partir deste momento, onde quer que estejam companheiros nossos, trataremos de trocar impressões sobre os problemas que mais nos atigem, para que todos compreendam que, unidos, somos mais fortes, que os patrões e de como organizar a nossa luta.

— E não nos esqueçamos das mulheres, lembrou João. Vamos também falar com elas para que nos unamos todas. Nada de assinar papéis sem receber o dinheiro. Ele é nosso e tanto nos custa a ganhar.

Artur, agora mais confiante e alegre, dirigiu-se, com João, seu amigo e companheiro de profissão, ao numeroso grupo de operários que, à volta de Zé Rôla, conversavam animadamente.

Para Artur, as dificuldades que sentia até há pouco, são menores. Ele começa a compreender como defender os seus interesses, que estes não são apenas seus, razão porque também não podem ser defendidos isoladamente.

À medida que avançava para o grupo sentia a sua força crescer e compreendia melhor quanta razão existia nas palavras de João, quando este mostrou que sózinhos pouco valíamos, mas todos juntos é a puxar para o mesmo lado, somos a maior força.

INFORMAÇÕES DAS EMPRESAS

PEVIDEM — Nesta zona industrial os operários vêm sendo, de há muito tempo, alvo duma brutal exploração por parte dos patrões. É verdade que a indústria atravessa um período de crise aguda, cujo responsável fundamental é Salazar. Mas poderão os patrões, em nome dessa crise, especinhar ainda mais a classe operária, principal vítima de todas as crises industriais? E não vem de longe a exploração? Sim, ela vem de longe, e sempre os patrões, na sua insana cega de explorar, encontraram-se mais disparatadas explorações.

O aumento contínuo em cada empresa do número de toares e um salário de fome, são problemas que não acontecem raramente; antes eles constituem o pão de cada dia. Assim, nas empresas:

INDUSTRIAL DE PEVIDEM — Mesmo quando os operários trabalhavam a semana completa e com 2 toares, muitos não ganhavam mais de 4500. Hoje está a 4 dias a fição e a tecnologia a 3.

ANTONIO DE LOPES COELHO — Os operários trabalham, na fição, com 2 contínuos. E os vencimentos? Continuam a ter de 2250, o mesmo de quando trabalhavam com meia máquina.

MÓINHO DO BURACO — porque alguns operários se negassem a trabalhar com 4 toares, o patrão, no fim da semana, quando entraram lá apenas 60 e depois escudou (quantia referente a metade da fêria que recebiam trabalhando com 2 toares). Os operários que não aderiram foram despedidos, pelo que se queixaram no Tribunal de Trabalho em Braga. Como respondeu este organismo do Estado à queixa apresentada pelos operários Nêvis? Enviando 3 fiscais à empresa. Os patrões sabem, porém, que o suborno é uma moda que ainda não acabou.

JOAO RIBEIRO DA CUNHA — Há toceiros a trabalhar com 8 toares e com um salário referente à produção dum'apear.

JOAO P. FERNANDES «MÓNTE NEGRO» — Há jovens, rapazes e raparigas dos 16 aos 19 anos ganhando entre 10 e 12500 por dia.

A. DA CUNHA GUIMARÃES — Chegou ao ponto de não ter dinheiro para pagar os seus operários. Esta situação reflecte-se nos direitos da Caixa Sindical e de Abono de família, passando os operários a não os receberem.

Mas não são estas apenas as formas de exploração a que a classe têxtil está sujeita. Em muitos casos o patrão desce à vilzeza de maltratar ou coagir no campo político aqueles que diariamente lhes enchem as col-

tenham rebotar uma máquina de fição. Na segunda o patrão respondeu à bofetada a um operário que reclamou aumento de salário.

E o contrato colectivo? Embora com um atraso de 12 anos em relação à actual situação dos operários, é cumprido? Todos sabemos como é cumprido o Contrato e quais são as nossas regalias. Desde as violações do horário, até ao não pagamento do subsídio do parto, que longo caminho de atropelos, como nos mostram os exemplos que seguem:

RIBA D'AVE — No firma SAMPAIO FERREIRA os patrões obrigaram os operários a assinar um documento dirigido a Salazar, pedindo para ele continuar no Poder.

COVILHÃ — Nesta região têxtil há empresas onde os 40 por cento das horas extraordinárias não estão a ser pagas e há empresas onde os operários não recebem o abono de família.

Que fazer, pois, no meio de toda esta situação? Acatar de cabeça baixa as explorações da entidade patronal, as suas explosões de mando e brutalidades? Não. Os patrões exploram porque é essa a sua função e fá-lo-ão mais à vontade se não estivermos unidos.

Há casos em que o Contrato Colectivo não é cumprido, há salários de fome e não há regalias porque os têxteis aí não estão unidos.

COMPANHEIROS de Pevidém, Riba D'Ave, Covilhã, de todas as regiões têxteis porque aí existe exploração! É possível nós diminuirmos para isso impõe-se que nós, como um só têxtil, reivindicuemos nas gerências, nos sindicatos, I.N.T. ou autoridades a satisfação dos nossos direitos.

É preciso que pela nossa luta obriguemos os patrões a obter do Governo as medidas necessárias para pôr termo à crise que atormenta a nossa indústria.

AOS PATRÕES SÓ LUCRO INTERESSA O LUCRO

O caso passado com os mineiros de Valongo que, por se verem atacados de gilecos, têm sido despedidos às dezenas, é bem elucidativo. Alguns já foram ao I.N.T. do Porto pedir trabalho e tratamento.

Mineiros de Valongo! Os Nêvis estão com a doença (a) contractada com trabalho sem condições higiénicas, para dar largos lucros aos patrões. Pedi aos vossos companheiros que ainda não foram despedidos, que vos acompanhem na luta junto aos patrões e autoridades. Não vos deixeis morrer à fome.

Companheiros e Companheiras!

Auxiliar financeiramente o nosso jornal é contribuir para uma unidade forte e coesa que nos permitirá conquistar aumentos de salários e outras regalias.

« O TÊXTEL » é o jornal livre da classe. Mas, para que ele chegue a todos os locais e empresas e aborde os problemas mais sentidos pela classe, torna-se necessário que cada leitor o dê a ler aos seus companheiros e os leve a colaborar com artigos e informações que, juntamente com as suas dâdivas em dinheiro, devessem fazer chegar à nossa Redacção.

Segue a publicação de algumas rubricas recebidas ultimamente:

Amigo do « TÊXTEL »	2850
Ao jornal	5800
A. Vicente	5600
Deacjan exp. de Salazar	14500
Dois amigos	2800
H. Delgado	5600
Liberal Democrata	5600
Para o « TÊXTEL »	5600
Para o « TÊXTEL »	1800
Rolando	2850
Têxtil	2850
Um operário de Guim.	3500
Um Têxtil	2850
TOTAL	55850

MAIS UMA FARCA

Como é do conhecimento de todos, de Norte a Sul do País, aumenta o protesto e a acção do povo, principalmente da classe operária, a exigir a demissão de Salazar.

A seguir ao pedido formulado pelas democratas do Norte em manifesto dirigido ao País e enviado a Salazar, surgiram os documentos de Lisboa e Braga lícitos, apoiados por milhares de assinaturas de trabalhadores, a exigir, franca e resolutamente, a demissão de Salazar.

Porém, no intuito de apresentar ao mundo apoio que não tem, Salazar faz circular documentos nas fábricas, escolas e repartições públicas que, sob pressão, pretende forçar pessoas simples a assinar.

O exemplo passado em escolas de Guimarães, entre crianças de 8 a 11 anos, mostra bem o enforcamento dum regime que se vê obrigado a recorrer a tais métodos.

Depois dos professores forçarem as crianças a assinar o papel, completamente ignorado por estes, perguntam que profissão querem vir a ter. A seguir, dizem para os crianças escreverem essa profissão, ao lado do seu nome.

Será preciso mais algum comendado? Companheiros! Nada de assinar a lista solicitada. Assinarem, sim, o pedido da sua demissão e escrevam por toda a parte. Basta de Salazar.

JORNADA NACIONAL

de luta por aumento de salários

A necessidade de salários compatíveis com o aumento do custo de vida, não é apenas um problema da classe têxtil. Ele é, hoje mais que nunca, um problema de todas as classes trabalhadoras, um problema nacional.

Em todas as classes se assiste no mesmo corolário de miséria e de apertar de barriga. Mas os trabalhadores não só não querem abrir novo furo no cinto como verificam que a sua força é suficiente para conquistar melhores salários.

Os exemplos verificados principalmente após as últimas eleições mostram-nos bem a força da classe operária portuguesa e são um incentivo precioso para que todos os trabalhadores se lancem unidos e decididos até à conquista dum futuro melhor.

« O Têxtil » certo de representar o desajo e sentir de toda a classe têxtil, publica nestas colunas algumas lutas de várias classes em vários pontos do País, ao mesmo tempo que suadita e incita todos os trabalhadores a continuar com suas acções, para que sejam vitoriosos.

PESCADORES: Mais de 6.000 pescadores da praia de Matosinhos, desde o dia 10 de Abril que se encontram em greve em defesa do pedido da classe, que consta de 40 por cento da venda do pescado isentado de despesas.

Salazar, ao defender os armadores, quer obrigar os pescadores a renderem-se pela fome e vai ao ponto de impedir que alguns armadores, que estão dispostos a dar os 40 por cento, matriculem as suas companhias. Não satisfeitos com isto, as autoridades impediram que mais de 200 pescadores trabalhassem na descarga da madeira, no porto de Leixões.

MINAS DE S. DOMINGOS E ALJUSTREL: — Os operários destas duas minas, depois de enviarem cópias de uma exposição com mais de 1.500 assinaturas ao I.N.T., Assembleia N. e P. da República, fizeram várias démarches junto dum deputado do Distrito e várias concentrações no sindicato.

Numa das concentrações no sindicato de Aljustrel, em que estava um representante do I.N.T., este, ao defender os patrões, disse que a situação da Companhia era tão precária que o Governo a tinha isentado de pagar o imposto de 30000 por tone-

lada de minério extraído.

Os mineiros, em resposta, disseram que querem 15000 de aumento e que os 30000 do o Governo deu à mina, dava para darem o aumento pedido e ainda a mina ficar com dinheiro.

Como a Companhia não quer ceder, desde Março que os valentes mineiros de Aljustrel baixaram a produção de 13.000 vagons para 6.000, por mês.

METALÚRGICOS: — No Porto, mais de 700 metalúrgicos se concentraram no dia 25 no sindicato, para reivindicar 50 por cento de aumento. Como as forças da PIDE e PSP não deixassem os operários entrar no seu sindicato, estes dirigiram-se ao « Jornal de Notícias ».

A seguir, no dia 27, cerca de 200 operários voltaram ao sindicato.

BRAGA: — Depois de uma concentração de mais de 600 metalúrgicos no sindicato para apoiar a démarche da Direcção junto do Ministro e no mesmo tempo reivindicar 25 por cento sobre os salários actuais, a classe dirigiu-se por várias vezes e acompanhada da Direcção do sindicato ao I.N.T. afim de pressionar a saída do aumento pedido.

LISBOA: — Depois de várias reuniões e concentrações da classe no sindicato, os metalúrgicos, acompanhados de vários delegados sindicais, a 16 do corrente, numa nova concentração, apresentaram uma exposição com as seguintes reivindicações:

— Aumento de 20000, em escala móvel; Trabalho ou subsídio.

— Os operários da indústria química, apresentaram no seu sindicato um pedido de 15000 de aumento.

— Os ferroviários de Campolide, querem aumento de 15000. Os empregados de escriptorio, querem aumentos de 80000 a 1.50000, por mês.

— Os mineiros das minas de lousa de Valongo, apresentaram directamente ao Ministro das Corporações um pedido de aumento de salário.

— Os estivadores do porto de Leixões e Douro, acabaram por conquistar o salário de 56000, depois de várias concentrações no sindicato e de reduzirem a produção para metade, durante mais de 30 dias.

— Os empregados da Carris do Porto depois de várias démarches no sindicato, acabaram por ser aumentados.

Companheiros têxteis! Como verificais, na nossa luta não estamos sóz. A união faz a força, lá diz o ditado. Signaos, pois, para a frente.

COMEMORAÇÕES

do 1.º de Maio

A luta dos têxteis e de outros trabalhadores dorso decorreu, em comemoração desta data, no Norte do País à volta da « Companhia Nacional para a demissão de Salazar » e por aumento de salários.

Através de reuniões, uma das quais com duas dezenas de trabalhadores, assistent-se ao dever da luta unida, para resolver a sua situação.

O dia 1.º de Maio, feriado tradicional dos trabalhadores gráficos, foi aproveitado, nos Distritos do Porto e Aveiro, em passeios de confraternização ao sòmeto fazendo feriado.

Na Fábrica Celulosa, em Caçô, houve feriado, almoço e missa aos trabalhadores católicos. Estiveram impedidos desta comemoração os 400 operários de fumo, o que provocou grande descontentamento.

A G.N.R. realizou a sessão cerimonial « Vista Alegre », rondou e montou de Salazar, a tristeza dos operários impossibilitados de comemorar livremente esta data tão querida dos trabalhadores.

Mas foi pela comissão de Salazar que decorreram as mais variadas acções: Recolha de assinaturas, utilizou-se o luto, fizeram-se inscrições e distribuíram-se documentos anti-salazaristas nos concelhos de Porto, Braga, Aveiro, Coimbra, Covilhã, Trazozedo, V. do Castelo, S. J. da Madeira, Barcelos, Fafe, Guimarães, Matosinhos, Gola e outras localidades.

As relações resumidamente alguns acontecimentos do 1.º de Maio, não podem deixar de saudar os valentes estudantes de Coimbra, que passaram este dia internacional com amplas reuniões em defesa das liberdades académicas e contra a repressão à sapec de alguns colegas presos, injusta e ilegalmente.

A acção desenvolvida pelos trabalhadores do Norte nas comemorações desta data, constituiu uma valiosa contribuição para a unidade da classe operária do nosso País e para estreitar os laços de internacionalismo proletário.

Não virá, pois, longe o dia em que os têxteis possam comemorar livremente o dia 1.º de Maio.



AO LADRÃO DAS ELEIÇÕES
QUEM LHE HÁ DE PERDOAR?
DEIXA A TOCA DE S. BENTO,
VAI-TE EMBORA SALAZAR.